

# 1

---

## Fundamentos Teóricos

DAVID E. ZIMERMAN

Coerente com a proposição geral deste livro, que é a de manter uma simplificação de natureza didática dos assuntos pertinentes aos grupos, o presente capítulo vai abordar unicamente alguns aspectos que fundamentam a teoria – tendo-se em vista a sua aplicabilidade prática –, sem a menor pretensão de esgotar ou de explorar toda a complexidade de um aprofundamento teórico que a dinâmica de grupo permite, propicia e merece.

Inicialmente, a fim de situar o leitor que ainda não esteja muito familiarizado com a área de grupos, mencionaremos e faremos uma breve referência a alguns dos autores mais citados na literatura e que mais contribuíram para o desenvolvimento do movimento grupalista. A seguir, será feita uma necessária revisão acerca da conceituação de grupo e, por último, uma abordagem dos aspectos psicológicos contidos na dinâmica do campo grupal.

### ALGUNS AUTORES IMPORTANTES

**J. Pratt.** As grupoterapias estão comemorando o seu primeiro centenário de existência. Isso se deve ao fato de que a inauguração do recurso grupoterápico começou com este fisiologista americano que, a partir de 1905, em uma enfermaria com mais de 50 pacientes tuberculosos, criou, intuitivamente, o método de “classes coletivas”, as quais consistiam em uma aula prévia, ministrada por Pratt, sobre a higiene e os problemas da tuberculose, seguida de perguntas dos pacientes e da sua livre discussão com o médico. Nessas reuniões, criava-se um clima de emulação, sendo que os pacientes mais interessados nas atividades coletivas e na aplicação das medidas higienodietéticas eram premiados com o privilégio de ocupar as primeiras filas da sala de aula.

Esse método, que mostrou excelentes resultados na aceleração da recuperação física dos doentes, está baseado na identificação desses com o médico, compondo uma estrutura familiar-fraternal e exercendo o que hoje chamamos “função continente” do grupo. Pode-se dizer que essa se constitui na primeira experiência grupoterápica registrada na literatura especializada e que, embora tenha sido realizada em bases empíricas, serviu como modelo para outras organizações similares, como, por exemplo, a da prestigiosa “Alcoólicos Anônimos”, iniciada em 1935 e que ainda se mantém com uma popularidade crescente. Da mesma forma, sentimos uma emoção fascinante que sentimos ao percebermos que na atualidade a essência do velho método de

Pratt está sendo revitalizada e bastante aplicada justamente onde ela começou, ou seja, no campo da medicina, sob a forma de grupos homogêneos de auto-ajuda, e coordenada por médicos (ou pessoal do corpo de enfermagem) não-psiquiatras.

**Freud.** Embora nunca tenha trabalhado diretamente com grupoterapias, Freud trouxe valiosas contribuições específicas à psicologia dos grupos humanos tanto implícita (pelos ensinamentos contidos em toda a sua obra) como também explicitamente, através de seus 5 conhecidos trabalhos: *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica* (1910), *Totem e tabu* (1913), *Psicologia das massas e análise do ego* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1927) e *Mal-estar na civilização* (1930).

Já no trabalho de 1910, Freud revela uma de suas geniais previsões ao conceber que "... o êxito que a terapia passa a ter no indivíduo haverá de obtê-la na coletividade". Em *Totem e tabu*, através do mito da horda selvagem, ele nos mostra que, por intermédio do inconsciente, a humanidade transmite as suas leis sociais, assim como estas produzem a cultura. No entanto, o seu trabalho de 1921 é considerado como particularmente o mais importante para o entendimento da psicodinâmica dos grupos, e nele Freud traz as seguintes contribuições teóricas: uma revisão sobre a psicologia das multidões; os grandes grupos artificiais (igreja e exército); os processos identificatórios (projetivos e introjetivos) que vinculam as pessoas e os grupos; as lideranças e as forças que influem na coesão e na desagregação dos grupos. Nesse mesmo trabalho, Freud pronuncia a sua clássica afirmativa de que "a psicologia individual e a social não diferem em sua essência", bem como aponta para as forças coesivas e as disruptivas que juntam e separam os indivíduos de um grupo. Esta última situação é ilustrada por Freud com uma metáfora que ele tomou emprestada do filósofo Schopenhauer, a qual alude à idéia de uma manada de porcos espinhos, no inverno, procura se juntar em um recíproco aconchego aquecedor; no entanto, a excessiva aproximação provoca ferimentos advindos dos espinhos e força uma separação, num contínuo e interminável vaivém.

**J. Moreno.** Em 1930, este médico romeno introduziu a expressão "terapia de grupo". O amor de Moreno pelo teatro, desde a sua infância, propiciou a utilização da importante técnica grupal do psicodrama, bastante difundido e praticado na atualidade.

**K. Lewin.** A vertente sociológica do movimento grupalista é fortemente inspirada em Kurt Lewin, criador da expressão "dinâmica de grupo", com a qual ele substituiu o conceito de "classe" pelo de "campo". Desde 1936, são relevantes os seus estudos sobre a estrutura psicológica das majorias e das minorias, especialmente as judaicas. Da mesma forma são importantes as suas concepções sobre o "campo grupal" e a formação dos papéis, porquanto ele postulava que qualquer indivíduo, por mais ignorado que seja, faz parte do contexto do seu grupo social, o influencia e é por este fortemente influenciado e modelado.

**S.H.Foulkes.** Este psicanalista britânico inaugurou a prática da psicoterapia psicanalítica de grupo a partir de 1948, em Londres, com um enfoque gestáltico, ou seja, para ele um grupo se organiza como uma nova entidade, diferente da soma dos indivíduos, e, por essa razão, as interpretações do grupoterapeuta deveriam ser sempre dirigidas à totalidade grupal. Foulkes introduziu uma série de conceitos e postulados que serviram como principal referencial de aprendizagem a sucessivas gerações de grupoterapeutas, sendo considerado o líder mundial da psicoterapia analítica de grupo.

**Pichon Rivière.** Trata-se de um psicanalista argentino altamente conceituado, tendo se tornado o grande nome na área dos grupos operativos, com contribuições originais, mundialmente aceitas e praticadas. Este autor, partindo do seu “esquema conceitual-referencial-operativo”(ECRO), aprofundou o estudo dos fenômenos que surgem no campo dos grupos e que se instituem para a finalidade não de terapia, mas, sim, a de operar numa determinada tarefa objetiva, como, por exemplo, a de ensino-aprendizagem. A partir das postulações de Pichon Rivière, abriu-se um vasto leque de aplicações de grupos operativos, as quais, com algumas variações técnicas, são conhecidas por múltiplas e diferentes denominações.

**W.R.Bion.** Durante a década 40, este eminente psicanalista da sociedade britânica de psicanálise – fortemente influenciado pelas idéias de M. Klein, com quem se analisava na época –, partindo de suas experiências com grupos realizadas em um hospital militar durante a Segunda Guerra Mundial, e na Tavistock Clinic, de Londres, criou e difundiu conceitos totalmente originais acerca da dinâmica do campo grupal.

Entre as suas contribuições vale destacar a sua concepção de que qualquer grupo se movimenta em dois planos: o primeiro, que ele denomina “grupo de trabalho”, opera no plano do consciente e está voltado para a execução de alguma tarefa; subjacente a esse existe em estado latente, o “grupo de pressupostos básicos”, o qual está radicado no inconsciente e suas manifestações clínicas correspondem a um primitivo atavismo de pulsões e de fantasias inconscientes. Bion formulou três tipos de supostos básicos: o de *dependência* (exige um líder carismático que inspire a promessa de prover as necessidades existenciais básicas), o de *luta e fuga* (de natureza paranóide, requer uma liderança de natureza tirânica para enfrentar o suposto inimigo ameaçador) e o de *apareamento* (também conhecido como “acasalamento”, alude à formação de pares no grupo que podem se acasalar e gerar um messias salvador; portanto, é um suposto inconsciente que, para se manter, exige um líder que tenha algumas características místicas). Além disso, Bion contribuiu bastante para o entendimento da relação que um indivíduo portador de idéias novas (que ele chama de “místico” ou “gênio”) trava com o *establishment* no qual ele está inserido. Esta última concepção tem se revelado de imprescindível importância para a compreensão dos problemas que cercam as instituições.

Pela importância que Bion representa para o movimento grupalista, vale a pena mencionar alguns dos aspectos que ele postulou:

- O grupo precede ao indivíduo, isto é, as origens da formação espontânea de grupos têm suas raízes no grupo primordial, tipo a horda selvagem, tal como Freud a mencionou.
- Os supostos básicos antes aludidos representam um atavismo do grupo primitivo que está inserido na mentalidade e na cultura grupal.
- A cultura grupal consiste na permanente interação entre o indivíduo e o seu grupo, ou seja, entre o narcisismo e o socialismo.
- No plano trans-subjetivo, este atavismo grupal aparece sob a forma de mitos grupais, como são, por exemplo, os mitos de Éden (Deus *versus* Conhecimento, sob ameaças de punição); Babel (Deus *versus* Conhecimento, através do estabelecimento de confusão); Esfinge (tem o Conhecimento, porém luta pelo não-conhecimento, tal como aparece na clássica sentença “decifra-me ou te devoro”, ou, “me devoro (suicídio) se me decifrares”); Édipo (castigado pela curiosidade arrogante e desafiadora).

- Organização da cultura, através da instituição de normas, leis, dogmas, convenções e um código de valores morais e éticos.
- O modelo que Bion propôs para a relação que o indivíduo tem com o grupo é o da relação continente-conteúdo, a qual comporta três tipos: parasitário, comensal e simbiótico.
- A relação que o *establishment* mantém com o indivíduo místico, sentido como um ameaçador portador de idéias novas, adquire uma dessas formas: simplesmente o expulsam, ou ignoram, ou desqualificam, ou co-optam através da atribuição de funções administrativas, ou ainda, decorrido algum tempo, adotam as suas idéias, porém divulgam-nas como se elas tivessem partido dos pró-homens da cúpula diretiva.
- A estruturação de qualquer indivíduo requer a sua participação em grupo.

**Escola Francesa.** Na década de 60, começam a surgir os trabalhos sobre a dinâmica dos grupos com um novo enfoque, a partir dos trabalhos dos psicanalistas franceses D. Anzieu e R. Käes, os quais, retomando alguns dos postulados originais de Freud, propõem o importante conceito de “aparelho psíquico grupal”, o qual está dotado das mesmas instâncias que o psiquismo inconsciente individual, mas não dos mesmos princípios de funcionamento. Com as concepções teóricas desses dois autores, o edifício que abriga as grupoterapias começa a adquirir alicerces referenciais específicos e representa uma tentativa no sentido de as grupoterapias adquirirem uma identidade própria.

**Escola Argentina.** Os nomes dos psicanalistas argentinos L. Grinberg, M. Langer e E. Rodrigué já são bastante conhecidos, porquanto o seu livro *Psicoterapia del grupo* tornou-se uma espécie de bíblia para algumas gerações de grupoterapeutas em formação. Na atualidade, é necessário destacar: Geraldo Stein, com as suas concepções originais a respeito do que ele denomina “psicanálise compartida”; Rubén Zuckerfeld, com as suas importantes contribuições na utilização de técnicas grupais no atendimento a pacientes portadores de transtornos de alimentação; e grupo de autores argentinos – no qual, entre outros, pontifica o nome de Janine Puget – que vêm estudando e divulgando a moderna “psicanálise das configurações vinculares”, notadamente com casais, famílias e grupos.

**Brasil.** No Brasil, a psicoterapia de grupo de inspiração psicanalítica teve começo com Alcion B. Bahia; outros nomes importantes e pioneiros são os de Walderedo Ismael de Oliveira e Werner Kemper, no Rio de Janeiro; Bernardo Blay Neto, Luis Miller de Paiva e Oscar Rezende de Lima, em São Paulo, e Cyro Martins, David Zimmermann e Paulo Guedes, em Porto Alegre. Na atualidade, há no Brasil uma série de pessoas, em diversas e múltiplas áreas, trabalhando ativamente em busca de novos caminhos e de uma assistência mais ampla e abrangente com a aplicação dos recursos da dinâmica grupal.

## CONCEITUAÇÃO DE GRUPO

O ser humano é gregário por natureza e somente existe, ou subsiste, em função de seus inter-relacionamentos grupais. Sempre, desde o nascimento, o indivíduo participa de diferentes grupos, numa constante dialética entre a busca de sua identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social.

Um conjunto de pessoas constitui um grupo, um conjunto de grupos constitui uma comunidade e um conjunto interativo das comunidades configura uma sociedade.

A importância do conhecimento e a utilização da psicologia grupal decorre justamente do fato de que todo indivíduo passa a maior parte do tempo de sua vida convivendo e interagindo com distintos grupos. Assim, desde o primeiro grupo natural que existe em todas as culturas – a família nuclear, onde o bebê convive com os pais, avós, irmãos, babá, etc., e, a seguir, passando por creches, escolas maternas e bancos escolares, além de inúmeros grupos de formação espontânea e os costumeiros cursinhos paralelos –, a criança estabelece vínculos diversificados. Tais grupamentos vão se renovando e ampliando na vida adulta, com a constituição de novas famílias e de grupos associativos, profissionais, esportivos, sociais, etc.

A essência de todo e qualquer indivíduo consiste no fato dele ser portador de um conjunto de sistemas: desejos, identificações, valores, capacidades, mecanismos defensivos e, sobretudo, necessidades básicas, como a da dependência e a de ser reconhecido pelos outros, com os quais ele é compelido a conviver. Assim, como o mundo interior e o exterior são a continuidade um do outro, da mesma forma o individual e o social não existem separadamente, pelo contrário, eles se diluem, interpenetram, complementam e confundem entre si.

Com base nessas premissas, é legítimo afirmar que *todo indivíduo é um grupo* (na medida em que, no seu mundo interno, um grupo de personagens introjetados, como os pais, irmãos, etc., convive e interage entre si), da mesma maneira como *todo grupo pode comportar-se como uma individualidade* (inclusive podendo adquirir a uniformidade de uma caracterologia específica e típica, o que nos leva muitas vezes a referir determinado grupo como sendo “um grupo obsessivo”, ou “atuador”, etc.).

É muito vaga e imprecisa a definição do termo “grupo”, porquanto ele pode designar conceituações muito dispersas num amplo leque de acepções. Assim, a palavra “grupo” tanto define, concretamente, um conjunto de três pessoas (para muitos autores, uma relação bipessoal já configura um grupo) como também pode conceituar uma família, uma turma ou gangue de formação espontânea; uma composição artificial de grupos como, por exemplo, o de uma classe de aula ou a de um grupo terapêutico; uma fila de ônibus; um auditório; uma torcida num estádio; uma multidão reunida num comício, etc. Da mesma forma, a conceituação de grupo pode se estender até o nível de uma abstração, como seria o caso de um conjunto de pessoas que, compondo uma audiência, esteja sintonizado num mesmo programa de televisão; ou pode abranger uma nação, unificada no simbolismo de um hino ou de uma bandeira, e assim por diante.

Existem, portanto, grupos de todos os tipos, e uma primeira subdivisão que se faz necessária é a que diferencia os grandes grupos (pertencem à área da macrosociologia) dos pequenos grupos (micropsicologia). No entanto, vale adiantar que, em linhas gerais, os microgrupos – como é o caso de um grupo terapêutico – costumam reproduzir, em miniatura, as características sócio-econômico-políticas e a dinâmica psicológica dos grandes grupos.

Em relação aos microgrupos também se impõe uma necessária distinção entre *grupo propriamente dito* e *agrupamento*. Por “agrupamento” entendemos um conjunto de pessoas que convive partilhando de um mesmo espaço e que guardam entre si uma certa valência de inter-relacionamento e uma potencialidade em virem a se constituir como um grupo propriamente dito. Pode servir de exemplo a situação de uma “serialidade” de pessoas, como no caso de uma fila à espera de um ônibus: essas pessoas compartilham um mesmo interesse, apesar de não estar havendo o menor vínculo.

lo emocional entre elas, até que um determinado incidente pode modificar toda a configuração grupal. Um outro exemplo seria a situação de uma série de pessoas que estão se encaminhando para um congresso científico: elas estão próximas, mas como não se conhecem e não estão interagindo elas não formam mais do que um agrupamento, até que um pouco mais adiante podem participar de uma mesma sala de discussão clínica e se constituírem como um interativo grupo de trabalho. Pode-se dizer que a passagem da condição de um agrupamento para a de um grupo consiste na transformação de "interesses comuns" para a de "interesses em comum".

O que, então, caracteriza um grupo propriamente dito? Quando o grupo, quer seja de natureza operativa ou terapêutica, preenche as seguintes condições básicas mínimas, está caracterizado:

- Um grupo não é um mero somatório de indivíduos; pelo contrário, ele se constitui como nova entidade, com leis e mecanismos próprios e específicos.
- Todos os integrantes do grupo estão reunidos, face a face, em torno de uma tarefa e de um objetivo comuns ao interesse deles.
- O tamanho de um grupo não pode exceder o limite que ponha em risco a indispensável preservação da comunicação, tanto a visual como a auditiva e a conceitual.
- Deve haver a instituição de um enquadre (*setting*) e o cumprimento das combinações nele feitas. Assim, além de ter os objetivos claramente definidos, o grupo deve levar em conta a preservação de espaço (os dias e o local das reuniões), de tempo (horários, tempo de duração das reuniões, plano de férias, etc.), e a combinação de algumas regras e outras variáveis que delimitem e normatizem a atividade grupal proposta.
- O grupo é uma unidade que se comporta como uma totalidade, e vice-versa, de modo que, tão importante quanto o fato de ele se organizar a serviço de seus membros, é também a recíproca disso. Cabe uma analogia com a relação que existe entre as peças separadas de um quebra-cabeças e deste com o todo a ser armado.
- Apesar de um grupo se constituir como uma nova entidade, com uma identidade grupal própria e genuína, é também indispensável que fiquem claramente preservadas, separadamente, as identidades específicas de cada um dos indivíduos componentes do grupo.
- Em todo grupo coexistem duas forças contraditórias permanentemente em jogo: uma tendente à sua coesão, e a outra, à sua desintegração.
- A dinâmica grupal de qualquer grupo se processa em dois planos, tal como nos ensinou Bion: um é o da intencionalidade consciente (grupo de trabalho), e o outro é o da interferência de fatores inconscientes (grupo de supostos básicos). É claro que, na prática, esses dois planos não são rigidamente estanques, pelo contrário, costuma haver uma certa flutuação e superposição entre eles.
- É inerente à conceituação de grupo a existência entre os seus membros de alguma forma de interação afetiva, a qual costuma assumir as mais variadas e múltiplas formas.
- Nos grupos sempre vai existir uma hierárquica distribuição de posições e de papéis, de distintas modalidades.
- É inevitável a formação de um campo grupal dinâmico, em que gravitam fantasias, ansiedades, mecanismos defensivos, funções, fenômenos resistenciais e transferenciais, etc., além de alguns outros fenômenos que são próprios e específicos dos grupos, tal como pretendemos desenvolver no tópico que segue.

## O CAMPO GRUPAL

Como mencionado anteriormente, em qualquer grupo constituído se forma um campo grupal dinâmico, o qual se comporta como uma estrutura que vai além da soma de seus componentes, da mesma forma como uma melodia resulta não da soma das notas musicais, mas, sim, da combinação e do arranjo entre elas.

Esse campo é composto por múltiplos fenômenos e elementos do psiquismo e, como trata-se de uma estrutura, resulta que todos estes elementos, tanto os intra como os inter-subjetivos, estão articulados entre si, de tal modo que a alteração de cada um deles vai repercutir sobre os demais, em uma constante interação entre todos. Por outro lado, o campo grupal representa um enorme potencial energético psíquico, tudo dependendo do vetor resultante do embate entre as forças coesivas e as disruptivas. Também é útil realçar que, embora ressaltando as óbvias diferenças, em sua essência, as leis da dinâmica psicológica são as mesmas em todos os grupos.

Como um esquema simplificado, vale destacar os seguintes aspectos que estão ativamente presentes no campo grupal:

- Uma permanente interação oscilatória entre o grupo de trabalho e o de supostos básicos, antes definidos.
- Uma presença permanente, manifesta, disfarçada ou oculta, de *pulsões* – libidinais, agressivas e narcisísticas – que se manifestam sob a forma de necessidades, desejos, demandas, inveja e seus derivados, ideais, etc.
- Da mesma forma, no campo grupal circulam *ansiedades* – as quais podem ser de natureza persecutória, depressiva, confusional, aniquilamento, engolfamento, perda de amor ou a de castração – que resultam tanto dos conflitos internos como podem emergir em função das inevitáveis, e necessárias, frustrações impostas pela realidade externa.
- Por conseguinte, para contrarrestar a essas ansiedades, cada um do grupo e esse como um todo mobilizam *mecanismos defensivos*, que tanto podem ser os muito primitivos (negação e controle onipotente, dissociação, projeção, idealização, defesas maníacas, etc.) como também circulam defesas mais elaboradas, a repressão, deslocamento, isolamento, formação reativa, etc. Um tipo de defesa que deve merecer uma atenção especial por parte do coordenador do grupo é a que diz respeito às diversas formas de negação de certas verdades penosas.
- Em particular, para aqueles que coordenam grupoterapias psicanalíticas, é necessário ressaltar que a psicanálise contemporânea alargou a concepção da estrutura da mente, em relação à tradicional fórmula simplista do conflito psíquico centrado no embate entre as pulsões do *id* versus as defesas do *ego* e a proibição do *superego*. Na atualidade, os psicanalistas aplicam na prática clínica os conceitos de: *ego auxiliar* (é uma parte do superego resultante da introjeção, sem conflitos, dos necessários valores normativos e delimitadores dos pais); *ego real* (corresponde ao que o sujeito *realmente* é em contraposição ao que ele *imagina ser*); *ego ideal* (herdeiro direto do narcisismo, corresponde a uma perfeição de valores que o sujeito imagina possuir, porém, de fato, o sujeito não os possui e nem tem possibilidades futuras para tal, mas baseia a sua vida nessa crença, o que o leva a um constante conflito com a realidade exterior); *ideal do ego* (o sujeito fica prisioneiro das expectativas ideais que os pais primitivos inculcaram nele); *alter-ego* (é uma parte do sujeito que está projetada em uma outra pessoa e que, portanto, representa ser um “duplo” seu); *contra-ego* (é uma denominação que eu proponho para designar os aspectos que, desde dentro do *self* do sujeito, organizam-se

de forma patológica, e agem contra as capacidades do próprio ego. Como fica evidente, a situação psicanalítica a partir destes referenciais da estrutura da mente ganhou em complexidade, porém com isso também ganhou uma riqueza de horizontes de abordagem clínica, sendo que a grupoterapia psicanalítica propicia o surgimento dos aspectos antes referidos.

- Um outro aspecto de presença importante no campo grupal é o surgimento de um jogo ativo de *identificações*, tanto as projetivas como as introjetivas, ou até mesmo as adesivas. O problema das identificações avulta de importância na medida em que elas se constituem como o elemento formador do senso de identidade.
- A *comunicação*, nas suas múltiplas formas de apresentação – as verbais e as não-verbais –, representa um aspecto de especial importância na dinâmica do campo grupal.
- Igualmente, o desempenho de *papéis*, em especial os que adquirem uma característica de repetição estereotipada – como, por exemplo, o de bode expiatório –, é uma excelente fonte de observação e manejo por parte do coordenador do grupo.
- Cada vez mais está sendo valorizada a forma como os *vínculos* (de amor, ódio, conhecimento e reconhecimento), no campo grupal, manifestam-se e articulam entre si, quer no plano intrapessoal, no interpessoal ou até no transpessoal. Da mesma maneira, há uma forte tendência em trabalhar com as *configurações vinculares*, tal como elas aparecem nos casais, famílias, grupos e instituições.
- No campo grupal, costuma aparecer um fenômeno específico e típico: a *ressonância*, que, como o seu nome sugere, consiste no fato de que, como um jogo de diapasões acústicos ou de bilhar, a comunicação trazida por um membro do grupo vai ressoar em um outro, o qual, por sua vez, vai transmitir um significado afetivo equivalente, ainda que, provavelmente, venha embutido numa narrativa de embalagem bem diferente, e assim por diante. Pode-se dizer que esse fenômeno equivale ao da “livre associação de idéias” que acontece nas situações individuais e que, por isso mesmo, exige uma atenção especial por parte do coordenador do grupo.
- O campo grupal se constitui como uma *galeria de espelhos*, onde cada um pode refletir e ser refletido *nos*, e *pelos* outros. Particularmente nos grupos psicoterapêuticos, essa oportunidade de encontro do *self* de um indivíduo com o de outros configura uma possibilidade de discriminar, afirmar e consolidar a própria identidade.
- Um grupo coeso e bem constituído, por si só, tomado no sentido de uma abstração, exerce uma importantíssima função, qual seja, a de ser um *continente* das angústias e necessidades de cada um e de todos. Isso adquire uma importância especial quando se trata de um grupo composto por pessoas bastante regressivas.
- Apesar de todos os avanços teóricos, com o incremento de novas correntes do pensamento grupalístico – e a teoria sistêmica é um exemplo disso –, ainda não se pode proclamar que a ciência da dinâmica do campo grupal já tenha encontrado plenamente a sua autêntica identidade, as suas leis e referenciais próprios e exclusivos, porquanto ela continua muito presa aos conceitos que tomou emprestado da psicanálise individual.
- Creio ser legítimo conjecturar que, indo além dos fatos, das fantasias e dos conflitos, que podem ser percebidos sensorial e racionalmente, também existe no campo grupal muitos aspectos que permanecem ocultos, enigmáticos e secretos. À moda de uma conjectura imaginativa, cabe ousar dizer que também existe algo cercado de algum mistério, que a nossa “vã psicologia ainda não explica”, mas que muitas vezes se manifesta por melhoras inexplicáveis, ou outras coisas do gênero.



- Da mesma forma como, em termos de micropsicologia, foi enfatizada a relação do indivíduo com os diversos grupos com os quais ele convive, é igualmente relevante destacar, em termos macroscópicos, a relação do sujeito com a cultura na qual ele está inserido. Uma afirmativa inicial que me parece importante é a de que o fator sócio-cultural somente altera o *modo de agir*, mas não a *natureza do reagir*. Explico melhor com um exemplo tirado da minha prática como grupoterapeuta, para ilustrar o fato de que, diante de uma mesma situação – a vida genital de uma mulher jovem e solteira – foi vivenciada de forma totalmente distinta em duas épocas distantes uns vinte anos uma da outra. Assim, na década 60, uma jovem estudante de medicina levou mais de um ano para “confessar” ao grupo que mantinha uma atividade sexual com o seu namorado, devido às suas culpas e ao pânico de que sofreria um repúdio generalizado pela sua transgressão aos valores sociais vigentes naquela época. Em contrapartida, em um outro grupo, em fins da década 80, uma outra moça também levou um longo tempo até poder poder partilhar com os demais o seu sentimento de vergonha e o temor de vir a ser ridicularizada e humilhada por eles pelo fato de “ainda ser cabaçuda”. Em resumo, o modo de agir foi totalmente oposto, mas a natureza (medo, vergonha, culpa, etc.) foi a mesma. Cabe tirarmos duas conclusões: uma, é a de que costuma haver o estabelecimento de um conflito entre o ego individual e o ideal de ego coletivo; a segunda constatação é a de que o discurso do Outro (pais e cultura) é que determina o sentido e gera a estrutura da mente.
- Todos os elementos teóricos do campo grupal antes enumerados somente adquirem um sentido de existência e de validade se encontrarem um eco de reciprocidade no exercício da técnica e prática grupal. Igualmente, a técnica também não pode prescindir da teoria, de maneira que ambas interagem e evoluem de forma conjugada e paralela. Pode-se afirmar que a teoria sem a técnica vai resvalar para uma prática abstrata, com uma intelectualização acadêmica, enquanto a técnica sem uma fundamentação teórica corre o risco de não ser mais do que um agir intuitivo ou passional. Por essas razões, no capítulo que segue, tentaremos estabelecer algumas inter-relações entre a teoria e a técnica da prática grupal.